

NA CORRERIA DO CRACK

ÀRLESON RENATO LUZ COSTA¹; ELAINE DA SILVEIRA LEITE

¹*Universidade Federal de Pelotas – arleson- @live.com*

²*Universidade Federal de Pelotas– esleite20@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho constitui um recorte específico dentro da nossa pesquisa de mestrado, vinculada à linha de pesquisa ‘Trabalho, Organizações e Identidades’, explorando as práticas de economia informal e a construção de identidades no contexto urbano e marginalizado na cidade de Pelotas - RS. Dentro da Nova Sociologia Econômica, que orienta nosso estudo, buscamos entender as atividades de trabalho informal articuladas em torno da dependência de crack, um fenômeno que se manifesta nas cidades e desafia tanto as estruturas formais quanto as práticas sociais convencionais. Este recorte enfoca a dinâmica da ‘correria’ – o conjunto de atividades e trocas que os usuários de crack mobilizam para sustentar o vício, constituindo uma parcela importante da economia informal da cidade.

Ao focar especificamente na ‘correria’ como fenômeno, este estudo se insere em um debate mais amplo sobre a economia marginal e as estratégias de sobrevivência em contextos de vulnerabilidade e exclusão, conforme descrito por Telles (2020) em suas análises sobre economias urbanas e fronteiras sociais. A análise dessas práticas informais permite acessar as nuances de um mercado contestado (STEINER, 2009), na qual os usuários se inserem em uma zona de fronteira entre o legal e o ilegal, construindo suas identidades e estratégias de subsistência. Esse recorte é fundamental para aprofundar nossa investigação mais ampla sobre as condições de exploração e a formação de dívidas sociais e morais, entendendo como as atividades informais operam tanto como uma forma de trabalho cotidiano quanto como uma resposta adaptativa às necessidades e restrições impostas pela dependência e pela marginalização.

A partir de Viviana Zelizer (2011), exploramos como as ‘moedas especiais’ – objetos pessoais, cartões de benefício, recicláveis – assumem significados sociais e morais específicos no circuito econômico da ‘correria’, ultrapassando o valor meramente monetário e se tornando veículos de trocas carregados de significados culturais e morais. Essas trocas e atividades, mais do que operações econômicas, configuram uma rede de sobrevivência, mobilizando recursos simbólicos e materiais em um sistema onde as transações representam não apenas a obtenção de crack, mas uma luta constante pela sobrevivência.

O objetivo desta exposição é examinar as atividades informais e práticas de troca que compõem a ‘correria’, buscando compreender os significados sociais e morais atribuídos a essas transações. Em última análise, este estudo pretende mapear as estratégias de sobrevivência socioeconômica que emergem no contexto urbano de Pelotas, observando como essas práticas podem contribuir para uma possível perpetuação das condições de exclusão, marginalização e exploração dos usuários de crack.

2. METODOLOGIA

A metodologia adotada é uma etnografia das transversalidades, conforme proposta por Tienele Rui (2014), que incorpora a prática da caminhografia – o ato de caminhar ao lado dos sujeitos pesquisados, acompanhando seus percursos na ‘correria’ cotidiana. Inspirada em abordagens que destacam a mobilidade e a observação atenta ao contexto urbano, essa metodologia permite captar as atividades e trocas informais realizadas pelos usuários de crack. Como jovem e morador local da periferia, meu posicionamento no campo favorece o diálogo espontâneo e a observação participante, registrados tanto no caderno de campo quanto em áudio visual no celular. A caminhografia, que envolve acompanhar as caminhadas e interações dos sujeitos em seus espaços de troca, revela como as atividades econômicas informais se articulam nas dinâmicas de exclusão e sobrevivência.

Complementando a etnografia, utilizei a Teoria Fundamentada dos Dados, que orienta a construção teórica a partir dos dados emergentes, evitando a imposição de modelos pré-definidos. Acompanhar as trajetórias de Sujeira, Paty e Bia – tipos – ideias da pesquisa – ao longo de três anos permitiu uma compreensão das práticas e vínculos que se configuraram na ‘correria’. Essa abordagem possibilita observar de que modo a possíveis dívidas sociais, economias e morais contribuem para a formação de um ciclo de marginalização e dependência no contexto do mercado do crack em Pelotas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO



(Registro do Pesquisador)

O circuito econômico da ‘correria’ em Pelotas, protagonizado pelos usuários de crack, revela um sistema de trocas carregado de significados que transcendem o valor econômico, permeando relações sociais, emocionais e morais. Esse circuito é caracterizado por transações onde os itens trocados – como celulares, roupas, cartões de benefícios e até objetos sentimentais – carregam ‘dinheiros especiais’, conforme Viviana Zelizer (1994). Zelizer propõe que, em contextos de marginalidade, cada bem trocado se torna uma moeda com valor particular, influenciado pela necessidade e pelo vínculo emocional. No caso dos usuários de crack, os itens carregados de memórias, muitas vezes ‘arrastados’ do ambiente familiar para o mercado informal, são trocados por recursos que garantem a sobrevivência e o acesso à droga, mesmo à custa de vínculos pessoais e memórias afetivas.

Esse circuito começa muitas vezes dentro do próprio lar, onde, no início da dependência, os usuários buscam nas casas dos familiares os primeiros objetos a serem negociados, assim como seus pertences próprios. Esses itens, como roupas, eletrodomésticos, utensílios e até objetos de valor sentimental, são rapidamente convertidos em moedas de troca no mercado informal da correria. A venda desses pertences representa não apenas a erosão dos laços familiares, mas também a criação de uma dívida moral que é internalizada pelos usuários, como sugere Graeber (2012). Cada objeto levado e trocado carrega consigo a marca do rompimento de laços afetivos, contribuindo para um sentimento de vergonha e perda de dignidade que reforça sua exclusão. Como observa Sujeira, um dos usuários acompanhados no estudo ‘Eles querem celular, eles querem cigarro [...] tudo tem uma troca, tudo tem um preço’. Esse processo de troca continua conforme os recursos familiares se esgotam, e o usuário passa a se inserir mais profundamente nas dinâmicas da correria, explorando o espaço urbano para novos recursos.

Nas ruas, as atividades econômicas dos usuários de crack se diversificam, buscando novas formas de obtenção de recursos. Uma das atividades mais comum observada é a coleta de resíduos sólidos, uma prática que, além de garantir uma renda mínima, oferece uma possibilidade de inserção no circuito econômico urbano, embora em condições precárias. A coleta de recicláveis envolve percorrer áreas de descarte de lixo, praças e ruas em busca de materiais que possam ser vendidos para sustentar o vício. Sujeira, novamente, é um exemplo disso, utilizando a coleta de resíduos como uma forma de ‘correr atrás’ de recursos enquanto se adapta às exigências do mercado de reciclagem, onde o valor dos materiais varia diariamente. Esse trabalho informal, embora extenuante e marginalizado, oferece uma alternativa de sobrevivência na correria, refletindo um mecanismo de adaptação e resistência à precariedade urbana. Nesse processo, os usuários se tornam parte de uma economia informal mais ampla, que, ao mesmo tempo em que os acolhe para sustentar o vício, reforça sua exclusão ao mantê-los à margem de condições laborais dignas.

Outra atividade que emerge no circuito importante de se destacar é a negociação de cartões de benefício, alimentos e até favores de natureza variada. O uso de cartões assistenciais – como o Auxílio Brasil – adquire um peso simbólico, pois esses benefícios, originalmente destinados à subsistência, tornam-se instrumentos de troca. Zelizer (1994) destaca que os ‘dinheiros especiais’ transformam bens sociais em mercadorias cujo significados ultrapassam a esfera monetária. Nas trocas realizadas pelos usuários de crack, esses cartões são penhorados ou trocados diretamente por drogas, representando não apenas a perda de um direito fundamental, mas também o avanço do vício sobre os recursos básicos de subsistência. A cada transação, o valor do auxílio, que carrega um significado de proteção social, é convertido em moeda de vulnerabilidade, inserindo os usuários ainda mais nas dinâmicas de dependência e marginalização.

Para as mulheres no circuito da correria, o quadro se torna ainda mais delicado, visto que enfrentam formas de estigma e vulnerabilidade específica. Paty, uma das participantes, explica ‘A única ideia que eu sempre achava, é a mesma que eu falo sempre, pra mulher é a prostituição, porque tu sempre acabas achando’. Essa fala revela a imposição de um caminho economicamente viável para sustentar o vício, porém moralmente contestado, em que as mulheres recorrem ao trabalho sexual como uma das poucas opções de sustento, tornando-se vítima de exploração sexual para o vício em crack. Essa moeda especial, como define

Zelizer, é, portanto, imbuída de um valor social, que ressignifica as trocas econômicas dentro do circuito do crack.

Conforme observado, o circuito econômico da ‘correria’ se desenrola como um espaço aonde as transações vão além de valores monetários, mobilizando significados sociais, morais e afetivos. Os usuários de crack em Pelotas navegam por uma rede de trocas em que itens pessoais e benefícios sociais se tornam moedas com ‘valores especiais’ (ZELIZER, 1994), refletindo uma economia própria de vulnerabilidade e adaptação. Ao negociar objetos carregados de memória, favores e até o corpo, eles incorporam uma prática de sobrevivência que os coloca em interação com a cidade, mas também os posiciona em uma marginalidade. Essas atividades revelem a persistente exclusão a que estão sujeitos, enquanto os mantêm em um circuito de dependência e exploração, destacando o papel dessa economia informal na construção de suas trajetórias e identidades em constante adaptação.

4. CONCLUSÕES

O circuito econômico da ‘correria’, com sua lógica de trocas, favores e dívidas sociais e morais, configura um sistema no qual os usuários de crack se tornam agentes da própria sobrevivência, imersos em um ambiente de exploração e vulnerabilidade. Esse sistema ultrapassa o modelo de oferta e demanda, formando uma rede de interações que não só molda o cotidiano dos usuários, mas também suas relações. Cada moeda trocada, serviço prestado ou recurso mobilizado revela a constante luta desses indivíduos para se inserirem e resistirem dentro das condições de exclusão social que enfrentam.

Assim, a ‘correria’ se consolida como um espaço de trocas onde o econômico e o social se fundem, criando uma rede de interdependência que conecta usuários, traficantes, familiares e a sociedade em geral. Nesse mercado, os ‘dinheiros especiais’ circulam, carregando significados que vão além do monetário e configurando uma economia própria, marcada pela marginalização e pela urgência que sustenta o vício e molda as interações.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GRAEBER, D. **Dívida: os primeiros 5.000 anos**. São Paulo: Três Estrelas, 2012.
- ZELIZER, V. A. **The Social Meaning of Money: Special Monies**. Princeton: Princeton University Press, 1994.
- STERNER, P. Mercados contestados: controvérsias sobre as trocas mercantis. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v.24, n.69, p.143-160, 2011.
- TELLES, V. Em torno da Cracolândia Paulista. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.22, n.64, p.233-246, 2014.
- RUI, T. **A etnografia das transversalidades: estudo sobre o uso de crack nas ruas de São Paulo**. 2014. 276f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.